



**MULHER E FAMÍLIA EM MUDANÇA:
PÉROLA BYINGTON(1879/1963)**

**CHANGING WOMAN AND FAMILY:
PÉROLA BYINGTON(1879/1963)**

Olga Brites*

Pontifícia Universidade Católica - (PUC/SP)

olgabrites@uol.com.br

RESUMO: Este artigo comenta o trajeto de Pérola Byington como importante exemplo na discussão sobre assistência à infância e à pobreza no Brasil, com destaque para a ação no campo da Saúde. O texto salienta os vínculos entre essa atuação pessoal e políticas públicas que estavam se implantando no Brasil da primeira metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE : Pérola Byington – Saúde – Infância – São Paulo, século XX – Brasil, século XX

**CHANGING WOMAN AND FAMILY:
PÉROLA BYINGTON(1879/1963)**

ABSTRACT: This article comments on the Pérola Byington's path as an important example in the discussion about childcare and poverty in Brazil, highlighting the action in the field of health. The text emphasizes the links between this personal actions and public policies that were deploying in Brazil during the first half of the twentieth century.

KEYWORDS: Pérola Byington – Health – Childhood – São Paulo, XXthcentury – Brazil, XXthcentury

* É Graduada em História pela FFLCH/USP, Mestra e Doutora na mesma área pela PUC/SP, onde atua como Docente na graduação e na pós-graduação. Publicou o livro [Infância, trabalho e educação: a revista Sesinho](#) (Ed. Universidade São Francisco), além de artigos em periódicos como Revista Brasileira de História e Projeto História, dentre outros. Colaborou nas coletâneas Repensando a História, História – Que Ensino é esse? e Dicionário crítico Câmara Cascudo.

E o silêncio caiu sobre a cidade
Como um pássaro ferido
Estrelas mergulharam na luta da noite.
Cantigas emudeceram em lábios infantis,
Cirandas de ventos errantes detiveram seus
passos.
Carrosséis de sonhos pararam de rodar,
Uma rosa despetalou sua tristeza
Sobre o parque calado,
E os anjos sussurraram no sono dos
inocentes
‘- Deus chamou dona Pérola
Para cuidar das crianças que estão no céu.’
Oração para dona Pérola - Paulo Bonfim

Os versos colocados em epígrafe homenageiam Pérola Byington e revelam a relação estabelecida por ela com a Cidade São Paulo, numa atividade intensa nos cuidados com crianças e mães. Assim, há vários adjetivos empregados que se traduzem em carinho, generosidade, dedicação, firmeza, presença ativa. São memórias construídas e preservadas e até hoje nos indicam uma temporalidade que tem início nos anos 30, com a Cruzada Pró Infância, projetando um futuro de vida e saúde. Pérola, no sentido figurativo, é a mãe escolhida pelas crianças e mães em sintonia com trabalho, prosperidade, progresso na cidade de São Paulo, projetando a cidade para outros estados do Brasil. E é material, de grande beleza, presente em valiosos adereços...

Como historiadores, indagamos com frequência sobre as relações entre História e Memória, que caminham juntas para fortalecerem projetos dominantes. Nesse sentido, ocultam experiências, ignoram sujeitos que fazem Histórias dissonantes. Refletindo sobre essas questões, visualizamos que sujeitos que têm poder indicam os pobres como aqueles que sofrerão intervenções, já que a história que eles produzem precisa ser fiscalizada, controlada. Não quero com isto desmerecer as ações de Pérola Byington, que acreditava no poder de cura e vida saudável para muitos: a criança, muitas vezes, aparece como folhas em brancos onde outros sujeitos emitem o progresso a saúde. Ainda hoje, eu me sinto culpada com a infância desvalida, vendo as crianças nas ruas pedindo esmolas, envolvidas com drogas, sem terem mais uma família ou ela mesma vivendo esse desamparo, daí acreditar em ações de benemerência.

Valorizo em todo documento suas intenções de escolha. Para Jacques Le Goff, todo documento é monumento, há nele projetos comprometidos com grupos sociais, em

permanente disputas, conflitos, onde prevalecem por vezes, versões autorizadas.¹ E é nesse contexto que discutirei a personagem.

Perola Byington nasceu no Brasil, filha de imigrantes estadunidenses, possuía dupla nacionalidade, estava nos Estados Unidos quando da primeira Guerra Mundial e atuou na Cruz Vermelha, dedicando-se ao tratamento de feridos, ponto de partida para sua atuação no campo social.

A intenção deste texto não é a de fazer a circunstanciada biografia de Byington, que demonstra ter uma trajetória marcada por dedicação e empenho no sentido de amenizar sofrimentos e contribuir para uma vida mais “digna” e comprometida com questões sociais, no sentido de fazer diminuir o número elevado de mortalidade infantil e das mães. Pretendo aqui contribuir para o entendimento de sua experiência em consonância com uma trajetória na cidade de São Paulo, de intelectuais e personalidades do período, do poder público, agentes que criaram legislação para aqueles que viviam e vivem diretamente a construção de práticas e procedimentos voltados para a Infância.

Ela tem uma presença importante na cidade de São Paulo, é uma das fundadoras da Cruzada Pró Infância. Nos anos 30 do século XX, já se podia visualizar e legitimar o trabalho feminino em diferentes campos da Economia como realidade inquestionável. Assim sendo, o estado assumia o compromisso de criar instituições onde o trabalho feminino era uma realidade legitimada pelo poder público.

Como exemplo destes projetos, temos em 1940 o Departamento Nacional da Criança (DNCR); em 1941, surge o Serviço de Assistência a Menores, ligado ao ministério da Justiça e Negócios Interiores, voltado ao atendimento de criança abandonada e “delinquente”; a LBA, Legião Brasileira de Assistência, de 1942; o SESI – Serviço Social da Indústria, que embora não tenha uma atuação exclusiva para a infância, com ela se preocupava, acolhendo setores sociais dominantes, empresários, Igreja Católica, professoras, profissionais da saúde como médicos, higienistas, educadoras sanitárias, enfermeiras, escritores de literatura infantil; e o SESC Serviço Social do comércio, com perfil semelhante ao SESI; ambos foram criados em 1946.

O governo federal, ao legitimar esses serviços, esperava que eles se desdobrassem em diferentes regiões do país.²

¹ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento, In: **História e Memória**. Tradução de Irene Ferreira e outros. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 525/541.

Pérola Byington tinha residência na Avenida Paulista, lugar de residências luxuosas, reservadas a uma elite paulistana, que incluía entre moradores grandes fazendeiros, industriais e outras pessoas de largas posses. Fotos daquele espaço exibem mulheres bem vestidas, com saias e vestidos abaixo dos joelhos. Mulheres de expressão eram fotografadas juntas, como parte de um projeto coletivo que revelava a ação de pessoas que se dedicavam a obras sociais. Podemos registrar fotos de Maria Antonieta de Castro, Pérola Byington, Maria Conceição Cardoso Figueira de Melo e Madalena Sampaio de Oliveira, dentre outras.

Pérola Byington levava uma vida intensa, repleta de atividades, configurando uma vida pública ativa, sintonizada com projetos que indicam novos rumos na educação e trabalho. Morreu em 1963, em Nova Iorque, com 83 anos de idade e muita energia, que poderia ter levado a personagem a mais de cem anos.

A força para cuidar de crianças ia da vida particular com filhos e netos até atuar para além do espaço familiar. Era considerada excelente cozinheira, os compromissos com alimentação saudável iam ao encontro da necessidade de educar para comer bem, de forma adequada, alimentos nutritivos; isto também era recorrente no período, vide materiais produzidos indicando construção de cozinhas dietéticas. Criou-se em 1939 um Centro de Estudos sobre alimentação. Na mesma época, surgiu o curso de Nutrição da Faculdade de Higiene e Saúde Pública na USP.³ Muitas propagandas eram feitas considerando o alimento infantil, haja visto a presença de uma indústria que ocupou espaço considerável na cidade de São Paulo e no Brasil, a Farinha Láctea Nestlé.⁴ Ainda apareciam propagandas de Maisena, Toddy, o leite era enfatizado como alimento fundamental para as crianças, argumentos que interferiam no cotidiano das pessoas. O leite, crescentemente industrializado, era incentivado como alimento nutritivo e surgia como forma obrigatória para sair da linha de extrema pobreza, item especial para uma alimentação saudável.

A valorização da nutrição ligada à saúde era veiculada por outros materiais desta pesquisa. Na revista infantil *Sesinho*, financiada pelo SESI, surgiram versos como:

² BRITES, Olga. **Infância, trabalho e Educação** – A revista *Sesinho*. Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2004.

³ RODRIGUES, Jaime. Alimentação vida material e privacidade. **Uma historia social de trabalhadores em São Paulo de 1920 a 1960**. São Paulo: Alameda, 2011.

⁴ RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **História sem fim**. São Paulo: EDUNESP, 1993. Esse texto ajuda a ver fraudes cometidas por setores da indústria alimentícia.

Sesinho é forte e sadio
Come bem e com fartura.
Seu almoço é leite frio
Carne, arroz, feijão, verduras.⁵

O combate à gula era incentivado, criança que comesse guloseimas era repreendida pelos pais, que deviam esconder certos alimentos dos filhos para regrem sua alimentação.

Pérola era uma mulher refinada, que consumia produtos em lojas como Mappin & Webb. A igreja presbiteriana fazia parte de sua afirmação, evidenciando disputas com a Igreja Católica. Seus projetos eram legitimados por médicos, professores, educadoras sanitárias.

A construção do Hospital Pérola Byington é a consagração de suas grandes realizações, até hoje é referência na cidade de São Paulo, intensamente procurado por mulheres que vêm de várias partes da cidade e mesmo de fora, buscando ajuda para engravidar e soluções para outros problemas de saúde. Atendia, e atende casos de mulheres com problemas de câncer nas mamas, no útero. Também estava presente na vida de adolescentes que engravidavam. Há relato de jovem que, grávida, foi expulsa de casa pelos pais, tentou até suicídio. Num caso como esse, a Cruzada Pró Infância e o Hospital Pérola Byington serviam como intermediários entre jovens e famílias, procurando impedir situações mais dramáticas. Há perspectivas conservadoras em relação à família, que seguem projetos dominantes e pensam na constituição da família nuclear: jovens só podem ter filhos com o casamento já realizado. O perdão dos pais, em casos de gravidez indesejada, implicou na presença de um sacerdote que assim permitiu aquela atitude. Podemos visualizar, em fotos desse meio, as alianças políticas que incluem civis, militares, médicos.

Lembramos que em 1930, criam-se no dia 12 de outubro a semana e o dia da criança, adotados nacionalmente por decreto presidencial em 1939.

Aquele órgão cuidava de problemas de desidratação de crianças que poderiam chegar a óbito. E também estabelecia diálogos com experiências internacionais, é o caso da criação de jardins da infância. A Cruzada Pró Infância assumiu essas iniciativas, administrando alguns deles.

⁵ BRITES Olga. **Infância, trabalho e Educação** – A revista *Sesinho*. Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2004, p. 53.

Perola Byington era avessa ao modelo feminino de mulher submissa, que vivesse em função exclusiva da família, embora a sua família fosse referência fundamental. Dirigiu a Cruzada Pró Infância por mais de 30 anos, num período em que se criava o Serviço Social no Brasil, que promoveu assistência social em escala ampliada.

Mulheres da década de 30 foram caracterizadas como responsáveis pela saúde da família, aliadas do poder médico que desejava ter espaço privilegiado na cidade, atuando politicamente para a projeção de quem chamava para si o direito de intervenção política divulgada no sentido de tornar seus projetos válidos. Alguns médicos que também atuavam como intelectuais no espaço público participavam desses projetos, Temos pronunciamentos de Oscar Clark e Olinto de Oliveira. Este último teve trajetória no poder público como diretor da antiga Inspetoria de Higiene Infantil, depois foi nomeado diretor da Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância, 1937, uma das divisões dos serviços federais de saúde.⁶ Quando evocamos a Cruzada Pró Infância e os Parques Infantis, assumimos que foram instituições comprometidas com argumentos de ciência e razão, da iniciativa do Estado, dos empresários nestes procedimentos. Assim, poderes eram reafirmados, ampliados, modernizados.

Os profissionais que então falavam pela infância, já indicados, eram as vozes consideradas autorizadas para construir a ideia de infância e juventude. As práticas da Cruzada Pró infância revelam a existência de setores pobres da população, ali podem ser visualizados bairros com problemas de infra-estrutura, a questão da população pobre serve para que as mães assumissem responsabilidades no que diz respeito aos cuidados com a saúde da criança e abandonassem experiências declaradas inadequadas na educação dos filhos. A ideia do não saber fazer é realçada, destituindo a família de ações independentes do saber a ser constituído por seus integrantes e pelas mulheres especificamente. Essas práticas são respaldadas pela grande imprensa, que age no sentido de divulgar ações afirmadas pelo Estado; a imprensa, junto com a Cruzada Pró Infância, intervinha para promover projetos, ações.

As creches eram justificadas como tendo uma função social importante para atender demandas das mulheres de periferias, trabalhadoras que ajudavam a encorpar o

⁶ BRITES Olga. **Infância, trabalho e Educação** – A revista *Sesinho*. Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2004, p. 34

orçamento familiar, inclusive na Cruzada Pró Infância, através da revista *Infância*, que incentivava a criança que trabalhava. Assim, havia oficialmente na instituição a promoção do trabalho infantil, procedimento que legitimava o trabalho das crianças para famílias com problemas financeiros. Nesse campo, surgiam propagandas que incentivavam a criança ao trabalho. Numa delas, podemos observar menina que varre o chão e meninos dedicados ao trabalho de sapateiro. O trabalho, nesse sentido, ia ao encontro dos objetivos da nação próspera e homogênea, trabalhar era estar em acordo com progresso, desenvolvimento, o dia 12 de outubro era também o dia da criança que trabalhava...⁷

Era um momento em que ainda não se tinha promulgado o Código de Menores de 1947, que indica problemas com o trabalho do menor de idade – tema em discussão, no Brasil, ao menos desde a década de 20 do mesmo século.

Algumas mulheres de elite ocuparam o espaço público para afirmarem a importância da mãe nos cuidados médicos da família. Assim, valorizaram higiene, corpo saudável, como, por exemplo, banhos diários, escovação de dentes, tomar sol, fazer exercícios físicos ao ar livre, cuidar da alimentação adequada, das roupas apropriadas para a estação do ano, inverno e verão. Muitas dessas práticas faziam parte de um estilo de vida mais livre, onde os mais pobres eram submetidos a uma lógica do capital que tirava dos sujeitos a condição cidadã de quem tem direito à vida, lutando para que condições mínimas fossem respeitadas também. Valorizavam educação, saúde, sustentando que, com isto, todos poderiam ascender socialmente para saírem da miséria absoluta. E até parecia que os pobres não desenvolviam essas práticas por ignorância ou incompetência, ao invés de serem vítimas de condições gerais de vida e trabalho que conduziam àquelas carências.

Na família de Byington, houve uma geração que assume o caminho da mulher que se coloca publicamente em defesa da vida infantil e das mães das crianças. As práticas assistencialistas atuaram com o argumento da solução de problemas infantis. O lazer foi valorizado socialmente, o carnaval foi caracterizado como uma atividade recorrente para um mundo infantil controlado pelos adultos, habitualmente indicado pelas revistas *Vida Doméstica*, *FonFon* e pelo jornal paulistano *Fanfulla*,

⁷ MOTT, Maria Lucia, et al. **O gesto que salva** : Pérola Byington e a Cruzada Pró-Infância. São Paulo: Grifo, 2008, p 56.

acrescentando-se que a brincadeira precisava ser regularmente acompanhada por mães ou adultos responsáveis pela criança.

No livro *Memórias da Saúde Pública*⁸, através de várias fotografias, há o registro de problemas da cidade como enchentes, a presença de cortiços, mulheres que possuem grande quantidade de filhos e vivem em situações precárias, as crianças visualizadas nas ruas, posando para fotógrafos que tinham com clareza o que se queria mostrar. O impacto das fotos revela calçadas destruídas, manilhas expostas, falta de esgoto e saneamento básico. Não queremos aqui dizer que a fotografia fala por si mesma, é preciso contextualizá-la, perguntando para quem e para que são tiradas, quem tira as fotos, o que expressam, quem vê... Há um grande interesse do Instituto de Higiene e também da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em registrar estas fotos para que elas legitimem argumentos que também são escritos.⁹ Vale realçar que tais projetos estavam em sintonia com atividades da Fundação Rockefeller em São Paulo.

Os parques infantis da cidade de São Paulo incorporaram esses cuidados. Muitas fotos foram tiradas por Benedito Duarte, fotógrafo renomado na cidade. Escolhido especialmente por Mario de Andrade para ser fotógrafo oficial do Departamento de Cultura, Duarte se projetava e foi conhecido para participar de congressos internacionais na divulgação de seu trabalho. As crianças foram fotografadas com uniforme adequado, realizando atividades valorizadas pela gestão de Andrade no Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo. Elas apareceram praticando esportes, eram disciplinarizadas, por vezes surgiram em fila, por exemplo, para escovar dentes Podemos ver na criação do curso de Educação Sanitária em São Paulo, em 1925, visando a ter as professoras primárias como educadoras sanitárias, também a intenção de divulgar hábitos de higiene para a população mais pobre.¹⁰

São Paulo e Rio de Janeiro surgiam como cidades que deviam servir de exemplos para outras regiões do Brasil. Os anos 30, no Brasil, configuravam um período em que o estado se apresentava criando instituições de atendimento aos mais pobres. Isto colocado pode dar a impressão de que o poder público era generoso com

⁸ VASCONCELOS, Maria da Penha (Org.). **Memórias da Saúde Pública – A fotografia como testemunha**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1995.

⁹ Ibid., p 30.

¹⁰ Ibid., p 41.

aquelas crianças. Na verdade, sua intervenção tinha o sentido de tomar para si o controle de instituições, atingindo não apenas espaços de trabalho, mas todo o cotidiano social. Médicos, empresários, educadores e outros profissionais se interessavam em garantir o poder na cidade, no rearranjo da hegemonia.

A chamada Revolução de 30 foi enfatizada por aqueles que ocuparam o poder público, afastando qualquer intervenção autônoma dos mais pobres. Houve a construção de uma memória dominante que retirou de cena o BOC (Bloco Operário Camponês), núcleo proponente de uma intervenção de trabalhadores no espaço político institucional.¹¹ História e Memória caminharam juntas para controlar a participação de sujeitos que eram considerados incapazes de gerir a própria vida, declarando que os mais pobres, dentre outras incapacidades, não sabiam comer de forma adequada, não tinham cuidados higiênicos básicos, eram responsáveis por doenças como febre amarela, varíola etc. O receio das doenças ameaçava o universo burguês, temiam-se os contágios que poderiam chegar até o universo das elites, donde a urgência de criar nova ordem médica.

Há toda uma mobilização em torno da redução da mortalidade infantil, e também materna, na cidade de São Paulo, várias mulheres de classes dominantes anunciaram assumir a tarefa de educar os pobres, incluindo a recuperação da saúde das crianças. Podemos afirmar mesmo que se tratava de uma ação política, onde sujeitos construía caminhos e possibilidades de intervenções a partir, por vezes, da desqualificação de um saber popular, reafirmando políticas autoritárias de Estado.

Eram frequentes, nesse meio de elite, as críticas aos ervanários que vendiam produtos na parte central da cidade, bem como às lavadeiras, prostitutas, vendedoras de doces e guloseimas. Consolidava-se um desejo de identificar saúde como exclusividade de médicos, higienistas, assistentes sociais, poder público, tradição que já se fortalecia ao menos desde fins do século XIX.¹² Partia-se da concepção de ciência e razão como fatores indispensáveis que legitimavam o saber de profissionais da área de saúde como inquestionáveis. Nesse universo, desenvolviam-se estratégias de controle do poder médico.

¹¹ DE DECCA, Edgar, e VESENTINI, Carlos Alberto. A revolução do vencedor - considerações sobre a constituição da memória histórica a propósito da “revolução de 1930”. **Ciência e Cultura**. São Paulo: SBPC, vol. 29, Jan. 1977.

¹² SILVA, James Roberto da. **Doença, Fotografia e Representação**. Edição citada.

Vejamos exemplo da forma como sujeitos sociais mais pobres eram tratados:

a indolência do trabalhador rural; a predisposição à tuberculose dos pretos e mulatos; a ausência de gosto pelos estudos abstratos; ou pelas questões especulativas, o baixo rendimento escolar das crianças de escolas públicas; a debilidade e desarmonia morfológica de nossa juventude do interior; a tristeza ; a apatia e a preguiça das massas rurais e proletárias de quase todo país.¹³

O caráter pedagógico de tais práticas leva à elaboração de Cartilha da Higiene, elaborada por Antonio de Almeida Jr.¹⁴

A fotografia serviu como parte de suporte que expunha realidades inquestionáveis - segundo a formação médica, mazelas. A criança nela apareceu com frequência, a rua era o espaço público por excelência, desqualificado por permitir uma vida promíscua, sem compromisso com hábitos saudáveis. Nas fotos, aparecem moradias semelhantes a cortiços, onde viviam famílias numerosas.¹⁵

Podemos afirmar que as mulheres pobres, a quem os serviços da Cruzada Pró infância foram destinados, igualmente desejavam que a mortalidade infantil fosse reduzida, como também que houvesse maiores cuidados sobre a saúde das parturientes, elas inclusive solicitavam essas instituições de auxílio às mães. Isso não significa endossar sua suposta ignorância e sim realçar um estado de carência naqueles campos de sobrevivência.

Existia nos anos 30, no Brasil, intenso debate sobre a condição feminina, haja visto o próprio movimento feminista, como indica Mott¹⁶. Assim, configurava-se uma tendência de reconhecer o trabalho feminino fora do lar mais como um prolongamento dele.

Vemos ainda neste período a formação do Serviço Social no Brasil, as práticas que mulheres e crianças experimentavam não eram mais filantrópicas apenas, agora, estas atividades eram publicizadas através de instituições e poder de Estado, embora o poder da Igreja Católica se preservasse em larga escala, como se observa na própria

¹³ RODRIGUES, Jaime. Alimentação vida material e privacidade. **Uma historia social de trabalhadores em São Paulo de 1920 a 1960**. Edição citada, p 83.

¹⁴ VIVIANI, Luciana Maria e MARCHAN, Geisiele da Silva. **Almeida Jr. E a produção de modelos paulistas de Ensino Higiênino e Renovador. Participações em Encontros Científicas de décadas de 1920 a 1940**. www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/843.pdf

¹⁵ VASCONCELOS, Maria da Penha (Org.). **Memórias da Saúde Pública – A fotografia como testemunha**. Edição citada, p 231.

¹⁶ MOTT, Maria Lucia, et al. **O gesto que salva** : Pérola Byington e a Cruzada Pró-Infância. Edição citada.

criação do curso de Serviço Social. Isso fica claro quando se diz que o Estado se apropriava de várias reivindicações de mulheres e as devolvia para a população, práticas que deviam ser reconhecidas socialmente como se fossem dádivas generosas de um governo esclarecido.

Refletir sobre infância e Cruzada Pró Infância é sobretudo dialogar com Pérola Byington. Sua atividade como mulher significou assumir, numa proposta de elite, as perspectivas e vivências de parte considerável da população pobre, pensar em sua trajetória é indicar também um dos aspectos da experiência da cidade.

Em 1933, começou a ser publicada a revista *Infância*, que contemplava as atividades da Cruzada Pró Infância e contava com a presença de Byington. *Infância* teve como editor chefe o Dr. F. Pompeu do Amaral, médico que atuava na cidade de São Paulo, dedicado ao estudo da criança. Desde a primeira edição, seu formato já indicava uma diferença fundamental em relação à grande imprensa, pois os artigos eram redigidos por vários médicos conceituados, que atuavam na área de saúde da criança, os quais escreviam também sobre os cuidados relativos à mulher gestante, evocando uma prática que estava aliada à prevenção de doenças no presente e no futuro, numa superação do passado que colocava em risco a vida de mulheres e crianças.

A Cruzada Pró Infância manteve uma estreita relação com procedimentos defendidos por Pérola Byington. Em seu acervo, observamos vários jornais, recortes da grande imprensa, que divulgaram positivamente a ação da entidade, a publicação das iniciativas nela realizadas e a sugestão de programas saudáveis atrativos para famílias pobres.

A revista *Infância* era mensal, suas assinaturas eram anuais, disponibilizando sua relação com anunciantes, solicitando o envio de artigos de leitores. Apareciam entre suas intenções acolher mulheres e crianças e a responsabilidade dos cuidados médicos, evocando os serviços de profissionais dessa área para fazer a instituição crescer.

A intenção anunciada do mensário era cobrir o cotidiano de vida da criança que passava por aleitamento materno, lazer, presença da criança nos parques infantis da cidade. A criação desses parques, nos anos 30, contou com a presença de Mario de Andrade como diretor do Departamento de Cultura. As fotos tiradas nos parques infantis de São Paulo projetavam tais espaços como instituições que cuidavam das crianças, visando à saúde para reduzir a mortalidade infantil.

A presença das mulheres foi enfatizada no sentido de servir para auxiliar médicos. Destacou-se a questão da necessidade do aleitamento, condenando mulheres burguesas que não amamentavam seus filhos com o intuito de manter estética pessoal.

Maria Lucia Mott fez um estudo primoroso, que evidencia a presença de Perola Byington nesse contexto.¹⁷ Através desse livro, podemos acompanhar a trajetória da Cruzada Pró-Infância em São Paulo e nela, a atuação de Perola Byington, aparecendo ainda várias outras mulheres comprometidas com a saúde da criança e da mulher, como Maria Antonieta de Castro, educadora sanitária. Vale ressaltar que o curso de Educadora Sanitária foi instituído na cidade em 1925. Maria Antonieta de Castro assumiria depois a Cruzada Pró Infância, quando morreu Pérola Byington, em 1963. Realizou junto com ela as ações promovidas pela entidade, cuidava dos cursos de Puericultura, da Escola da Saúde, dos parques infantis, enquanto Byington era responsável pela Casa Maternal, o lactário, a defesa do salário maternidade, educação sexual, criação da polícia feminina.¹⁸

Tratar de instituições como Cruzada Pró Infância é reconhecer a pobreza na cidade, suas necessidades e ações para diminuir a morte precoce, reivindicações populares e também atuação de setores de elite.

Quando estudamos a atividade de Perola Byington e, junto com ela, ações que vão no sentido de preservar a vida, somos também críticos em relação a certos jargões como estes: a cidade do progresso acelerado, a cidade que mais cresce no mundo, a Manchester Brasileira... Visualizamos a expansão de São Paulo através da construção de vias férreas, a presença de automóveis, bondes, ficando clara uma atuação da especulação imobiliária que construía vários prédios na cidade e destruía memórias, que fazia com que as pessoas não se reconhecessem mais em diferentes espaços, a rapidez com que novos prédios e até bairros inteiros eram erguidos, assim como ruas, praças e viadutos eram construídos, além da intensa, assim como ruas, praças e viadutos eram construídos.¹⁹

¹⁷ MOTT, Maria Lucia, et al. **O gesto que salva** : Pérola Byington e a Cruzada Pró-Infância. São Paulo: Grifo, 2008.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ VASCONCELOS, Maria da Penha (Org.). **Memórias da Saúde Pública** – A fotografia como testemunha. Edição citada, p 20.

A cidade desejada era rapidamente construída. Havia uma valorização da ciência e razão que agora estavam socialmente em poder de ascensão contra métodos populares de cura, como se observa em relação a ervanários, quituteiras, lavadeiras²⁰.

O curso e os serviços de educadora sanitária assumiram papel importante na atuação de várias mulheres, que tiveram como função instruir outras mulheres na educação de seus filhos e privilegiavam atividades como: tomar banho, escovar dentes, comer adequadamente, Não se pode esquecer a formação de especialistas em higiene nessa mesma época – o Instituto de Higiene, em São Paulo, é de 1921.

Perola Byington tem visibilidade na atuação de serviços necessários para a prevenção de doenças e mortes, era uma das “damas da sociedade” que consagravam essas instituições. Elas serviam como elos entre Estado, médicos e famílias pobres e a presença na cidade dessas ações contava com o decisivo apoio dos meios de comunicação - jornais da grande imprensa, por exemplo. Várias dessas mulheres empreendedoras e ativas tinham, por vezes, como esposo um médico e nessas atividades, elas se projetavam publicamente. Muitas atuaram na Revolução Constitucionalista de 1932, organizando frentes de ajuda aos soldados.

O período de 1930 no Brasil é discutido pela historiografia, alguns pesquisadores apoiam o reconhecimento daquele marco como revolução e outros e não o denominam dessa forma, caracterizando-o como atuação de sujeitos ligados aos vencedores no processo, afastando, silenciando outras vozes, aquelas dos despossuídos socialmente.²¹

Esta presença institucional do Estado se desdobra em diversas entidades presentes no dia a dia daqueles sujeitos. Os movimentos sociais estavam ali para se oporem, afirmarem outras vozes, que eram cada vez mais silenciadas. E as graves carências da população pobre serviam de suporte para novas formas de organização do Estado e da sociedade.

Pérola Byington é uma importante personagem nas fronteiras desse processo.

²⁰ SANTOS, Carlos José F. dos. **Nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza, 1890/1915**. São Paulo: Annablume, 1998.

²¹ Ver: FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930 – Historiografia e História**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. DE DECCA, Edgar. **1930 – O silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1984. VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato. Uma proposta de estudo sobre a memória histórica**. São Paulo: [Hucitec](http://www.hucitec.org.br), 1997.

RECEBIDO EM: 06/06/2016

APROVADO EM: 13/10/2016



www.revistafenix.pro.br